SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVI

MARÇO DE 1970

N.º 299

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

PRINCÍPIOS

Por EDUARDO RIBEIRO

Um curso da Escola Naval prestou recentemente homenagem ao almirante Afonso de Cerqueira, bravo marinheiro que se distinguiu gloriosamente nas campanhas de África da primeira grande guerra. Este facto trouxe à nossa memória um curioso incidente em que aquele oficial foi protagonista, por ocasião da revolta monárquica de Janeiro de 1919. Os insurrectos tinham-se instalado no alto de Monsanto e dali faziam fogo sobre os defensores da República. Era necessário dominar o reduto. Marinheiros, soldados e civis dispuseram-se a fazer a escalada da serra. Fazendo negaças às balas inimigas, trepando aqui, amarinhando mais além, a golpes de audácia foram subindo a encosta até conseguirem tomar o reduto e dominar os rebeldes. A luta foi dura e os ânimos estavam naturalmente exaltados, enquanto a indignação invadia os espíritos justamente irados pelo traiçoeiro ataque. Os combatentes, ainda quentes da batalha, foram por isso tentados a fazer justiça por suas próprias mãos, pelo que os presos correram sério perigo. Nisto, porém, surge o comandante da coluna, o bravo Afonso de Cerqueira, que cobrindo os adversários com o seu próprio corpo bradou: *Ninguém lhes toca! A vida dos prisioneiros é sagrada.* O valente marinheiro, calando a indignação de que certamente estaria possuído, coloca em primeiro lugar o imperativo de consciência, os princípios de honra que formavam o seu carácter.

O homem só atinge autêntica estatura moral quando consegue colocar, acima de paixões e sentimentos mesquinhos, os grandes princípios de dignidade e honra, marcos perenes de uma vida bem vivida. Não há objectivos, por mais transcendentes que possam parecer, que autorizem o homem a postergar os padrões de dignidade e a lançar mão de meios, de soluções, que não sejam compatíveis com a lealdade que devemos ao nosso semelhante e o respeito pela vida humana. Aqueles que de nós dependem porque são mais fracos, dispõem de menos recursos, estão doentes, vencidos ou prisioneiros, têm direito à protecção dos poderosos e ao respeito de todos. O homem que atenta contra a dignidade do homem avilta-se a si próprio, coloca-se ao nível dos brutos, dos irracionais.

Longe vai o tempo em que Egas Moniz, só porque não teve possibilidade de honrar a sua palavra, colocou o baraço ao pescoço e se humilhou perante o rei de Leão. Também para D. João de Castro bastavam apenas alguns pêlos da sua barba para garantir o pagamento de empréstimo contraído. Mas ainda hoje, nos mercados das nossas vilas e aldeias, basta tantas vezes um aperto de mão para garantir a autenticidade de contratos verbalmente feitos.

É este o espírito que importa desenvolver no homem do nosso século. Hoje, mais do que nunca, se reconhece a necessidade de ser fiel aos grandes princípios de Honra, que tornam possível a confiança entre governantes e governados; entre patrões e trabalhadores; entre mestres e alunos, de homem para homem. A vida em sociedade só tem realmente beleza quando se respeitam as regras do jogo que a própria vida é. Infelizmente, porém, muitos julgam ultrapassados esses princípios sempre que lhes convém ignorar o Dever, embora estejam sempre prontos a exigir o seu cumprimento àqueles que lhes estão dependentes.

O Escotismo é, sem dúvida, grande Escola preparatória da vida, onde os princípios de Honra são cultivados na gente nova. Não ensinamos os Escoteiros a pertencer a esta ou aquela corrente política, apenas os treinamos no cumprimento dos deveres cívicos e na sinceridade de convicções. O processo educativo está à margem de apelos verbais, de palestras, de recriminações. O rapaz faz o jogo e cumpre as regras. Habitua-se a cumprir a Lei que o quer leal, verdadeiro, honesto, respeitador, amigo do

Continua na pág. 3

UM GRANDE ESCOTEIRO

O Coronel John Skinner Wilson

— uma vida dedicada ao serviço do próximo

Nascido em 1888, John Skinner Wilson (que entre os amigos era afectuosamente tratado por *belge*), era membro da numerosa família do deão da Catedral Episcopal de Edimburgo (Escócia). Foi educado no Trinity College, em Glenalmond, tal como sucedeu com os irmãos, o filho e agora o neto. Foi campeão de ginástica durante três anos, assim como capitão de râguebi. Orgulhava-se de ter pertencido a um tão prestigioso estabelecimento de ensino e visitava-o constantemente. «*Glenalmond formou-me; o que sou a ela o devo!*», costumava dizer, referindo-se à escola que frequentara.

Ainda não existiam grupos de escoteiros quando Wilson era rapaz, mas ele, seus irmãos e vários amigos já aproveitavam as férias escolares para se meterem a atravessar rios e florestas e a subir aos montes e a explorar, a pé e de bicicleta, todo o Perthshire — condado central da Escócia.

Nem ele próprio, por isso, se admirou quando veio a tomar tanto interesse pelas actividades de ar livre dos escoteiros.

Continua na pág 6



O Coronel Wilson em Durham (1967) com os delegados portugueses e mexicanos e Werder Barblan, presidente da Comissão Directiva da «Fellowship»



O Grupo 94 esteve em festa com a inauguração da «nova» sede

O Grupo 94, de Lisboa, esteve em festa no domingo 25 de Janeiro p. p., com a inauguração das obras que levou a efeito na sua sede.

O bom número de pessoas presentes na cerimónia pôde verificar a profunda transformação por que passaram as instalações do 94, pois tudo se renovou, desde o telhado até ao chão, passando pelas paredes, portas, janelas e até exteriormente: tudo foi pintado, substituído ou reparado. Estas obras demoraram mais de ano e meio e o Grupo gastou nelas uma quantia bastante avultada, só possível graças à cooperação da Igreja a que se encontra anexo e ao auxílio dalguns amigos e antigos escoteiros. No entanto, este auxílio, já tão precioso, teve a culminá-lo uma dedicação extraordinária, que mês após mês ali empregou as horas que deveria dedicar ao seu descanso; referimo-nos ao sr. Carlos da Silva Sequeira, pai de um lobito do Grupo e antigo escoteiro, que foi a alma de todos os trabalhos realizados, em que teve a cooperação do chefe do grupo, dos escoteiros mais velhos e dalguns amigos do 94.

A cerimónia teve a presença dos srs. Rev. Vieira da Silva, pastor da Igreja a que o grupo está anexo, Eng.º Nobre Santos, escoteiro - chefe - geral adjunto, Henrique Alves de Azevedo, David de Baudouin e Eduardo Ribeiro, antigos chefes do grupo, e dos seus antigos escoteiros srs. Fernando Amílcar da Silveira, Jaime Famoso Ferreira, Eduardo Pacheco Campos, José Fernando Marinho, Luís Garcia Inácio e Hélder Martins. Presentes também os actuais dirigentes, escoteiros e lobitos.

O Grupo Desportivo «Os Celtas de Setúbal», bem como escoteiros dos Grupos 1, 8 e 19 e alguns camaradas do CNE também honraram o 94 com a sua presença.

A cerimónia, simples como é timbre de escoteiros, começou com oração pelo pastor da Igreja, a que se seguiu a leitura da ordem de serviço, pelo chefe do Grupo sr. Armando Garcia Inácio.

Foram impostas várias condecorações: a medalha de Assiduidade, da classe de cobre, aos lobitos Álvaro Garcia Sequeira, Mário Rui A. Santos, João Manuel B. Marques, Júlio Manuel Rodrigues dos Santos, Gilberto Horácio Santos e Manuel José Dias Silva. O lobito José Vítor Reis Carolino recebeu a classe de prata da mesma medalha. Estas medalhas foram entregues por dirigentes e antigos escoteiros presentes.

O lobito José Vítor Reis Carolino recebeu, em seguida, a insígnia mais alta da Divisão Lobito: a de «Lobito Alerta», que lhe foi imposta pelo escoteiro-chefe-geral adjunto, o qual aludiu ao facto de ser o primeiro lobito em Portugal que consegue alcançar aquela classe, embora se viesse mais tarde a reconhecer que era de facto o segundo.

O sr. Eng.º Nobre Santos, em seguida, procedeu à homenagem mais justa daquela tarde: a imposição da medalha de Agradecimento da classe de prata, ao sr. Carlos da Silva Sequeira, com que fora distinguido pelos Serviços Centrais pelos relevantes serviços que vem prestando ao Grupo 94. O galardoado, visivelmente comovido, agradeceu a distinção que lhe fora concedida.

Após estes actos, a sr.ª D. Maria da Silva, senhoria da casa onde o 94 tem a sede, recebeu um lindo ramo de flores em sinal de reconhecimento pela forma como tem acarinhado o grupo ao longo de mais de 30 anos.

Finda a parte solene, foi servido chá e bolos a todos os presentes e, no fim, foram projectados diversos filmes escotistas e recreativos pelo antigo escoteiro do 94 sr. Jaime Famoso Ferreira.

A reunião terminou no meio da maior animação e os escoteiros do 94, agora que vão poder contar novamente com a sua sede, após um tão longo interregno, estão cheios de entusiasmo e vão tentar reocupar o lugar que lhes compete entre os escoteiros da Capital.



Um aspecto da Sessão Solene — Foto «O Século»

Actividades de Caminheiros

Equipa de Espeleologia

Na Sede Central realizou-se recentemente uma reunião de caminheiros para estudar a orientação dos trabalhos de espeleologia em que alguns Grupos se encontram interessados, tendo comparecido elementos dos Grupos n.ºs 8, 19 e 84 (Entroncamento).

Tendo em conta os conhecimentos e entusiasmo evidenciados, foi resolvido constituir uma Equipa para coordenar as actividades desta especialidade e fomentar o interesse nos diversos Grupos. Esta Equipa promoverá actividades, estudos, palestras e exposições. Terá particularmente em vista a exploração de grutas com vista a instruir iniciados, bem como o intercâmbio com outras organizações que igualmente se dediquem à Espeleologia.

A Equipa ficou assim constituída:

Guia — José Eduardo Caetano dos Santos — Grupo 8.

Subguia — Raul Pires Pedro — Grupo 19

Manuel António Loureiro de Sousa — Grupo 84.

Salvador Fernandes Teixeira — Grupo 8.

Acácio Valadares Cunha — Grupo 19.

Orlando Jaques Braga — Grupo 84.

A Equipa espera poder agregar representantes de outros Grupos, que se interessem por esta modalidade tão aliciante.

Outras actividades

Está prevista a constituição de outras equipas dedicadas especialmente a gravação sonora, fotografia, cinema, jornalismo, bem como outras especialidades que os próprios caminheiros possam vir a sugerir. Nesse sentido, a Chefia-Geral espera sugestões de Escoteiros-Chefes e Caminheiros.

O Escotismo na região de Lisboa

ATLETISMO — Provas de corta-mato

No passado dia 15 de Fevereiro, pelas 10 horas da manhã, a Comissão Organizadora de Provas Desportivas levou a efeito, na mata do cabo submarino, em Carcavelos, duas provas de corta-mato para escoteiros dos 13 aos 16 e dos 17 aos 20 anos, respectivamente nas distâncias de 800 e 2 000 metros.

O local foi escolhido e demarcado pelos escoteiros do Grupo 16, de Carcavelos, e a pista a seguir era realmente interessante.

Estiveram presentes escoteiros dos grupos 5, 16, 19, 23, 84 e 93 e ainda do grupo em formação em Porto Salvo, num total de 60 escoteiros e dirigentes, dos quais apenas correram 34 rapazes. Presentes também o chefe-geral adjunto sr. Eng.º Nobre Santos, o chefe do Núcleo B, sr. Mário Leite, e o sr. W. Karl, da direcção do grupo 16.

Desde há muito que não víamos tão verdadeiro entusiasmo por parte da rapaziada e estas provas de atletismo demonstraram que muito se pode fazer no campo desportivo.

De notar que o Grupo 84, do Entroncamento, esteve presente com vários elementos, um dos quais apenas dormiu uma hora, mas tomou parte na corrida.

Para a primeira prova, de 800 metros, alinharam à partida 22 escoteiros, dos mais novos.

Demonstrando que o frio não serve para tolher os movimentos, todos arrancaram com boa velocidade e apenas uma desistência se verificou, por motivo de queda. Foi vencedor o escoteiro Augusto Jorge Mateus, do Grupo 16. Em 2.º lugar o nosso redactor juvenil Joaquim Manuel Oliveira, o *Gamo Ligeiro*, do Grupo 19, e em 3.º lugar o escoteiro Francisco Nisa, do Grupo 84.

Aproveitámos a oportunidade para ouvir algumas declarações do campeão Jorge Mateus. Ainda ofegante, respondeu assim à primeira pergunta:

— Tenho 14 anos e sou escoteiro do «16» há cerca de um ano, embora tenha sido lobito. Sou guia da patrulha «Castor».

Deixámos o vencedor respirar e perguntámos:

— Diz-nos lá qual foi a tua preparação para esta prova?

— Preparei-me durante quatro semanas

Continua na pág. seguinte

O Escotismo na região de Lisboa

Continuação da pág. anterior

e corri cerca de 5 km. por dia. Acho que fiz bem, porque é a primeira vez que entro em corridas.

— Olha lá, Jorge — insistimos — gostaste da prova?

— Gostei — respondeu ainda nervoso pela vitória — mas as pernas é que são o pior. Doem-me. Acho que a prova é interessante e são de repetir coisas como esta, pois houve interesse da rapaziada por esta disputa.

Finalizando, perguntámos:

— Diz-nos quais as actividades de que gostas mais no Escotismo?



Três atletas olímpicos? Da esquerda para a direita, os primeiros classificados da corrida dos mais novos, Joaquim Manuel Oliveira, Augusto Jorge Mateus e Francisco Nisa

— Ora, excursões a pé, acampamentos e isto de corridas, porque dão resistência a uma pessoa.

— Parabéns, Jorge Mateus, e ganha sempre.

Para a segunda corrida, 2 000 metros, alinharam 12 caminheiros, que também tiveram rija prova.

O 1.º lugar coube a Fernando Carlos Leitão, do Grupo 23, o 2.º a Agostinho Fernandes, do Grupo 5, e o 3.º a Manuel Loureiro de Sousa, do Grupo 84.

Depois houve um almoço de confraternização e também uma tarde recreativa, na sede dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos.

A. I.

Topografia para Escoteiros

Em 3 de Fevereiro passado, com a presença de 14 escoteiros dos Grupos n.os 5, 7, 8 e 23, realizou-se nos Serviços Centrais a primeira reunião de um Curso de Topografia, modalidade do maior interesse para as actividades escoteiras de campo.

Estiveram presentes dois elementos do Centro Universitário de Lisboa, instrutores da parte de topologia aplicada à Espeleologia.

No dia 17 efectuou-se outra reunião, que prossegue nos dias 3, 17 e 31 de Março corrente. Depois de uma parte de instrução teórica, seguir-se-ão trabalhos práticos no campo.

É de prever que este Curso desperte o maior interesse de todos os Escoteiros, pois a Topografia tem a maior vantagem para os exercícios de campo, bem como para as investigações espeleológicas em que alguns Grupos estão participando.

ANTIGOS FRATERNAL ESCOTEIROS 1950-1970

O «Ano dos Vinte Anos» da Fraternal dos Antigos Escoteiros

Exactamente a 11 do mês corrente, passou o XX Aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Vinte anos de reunião de velhos camaradas que, através deste organismo, puderam dar continuidade aos anseios da juventude e, desta maneira, proporcionar a muitos a alegria e a sã camaradagem do Escotismo.

Decidiu a Direcção da Fraternal que se comemorasse o «Ano dos Vintes Anos», para o que vai levar a efeito um programa festivo que engloba várias actividades, tanto para antigos como os actuais membros de todo o movimento escotista português.

Para a organização desse programa, foi nomeada uma comissão, que ficou assim constituída: srs. Humberto Martins, Xavier de Brito, Luís Simões Aurélio, Joel Ribeiro, Ernesto Clímaco do Nascimento, Armando Inácio e Eduardo Xavier.

Estão previstos os seguintes actos comemorativos:

Em Março — Dia 11, às 8 horas: Içar das bandeiras nacional e da Fraternal, na sede; à noite: iluminação da fachada da sede.

Dia 22, às 11 h. e 30 m.: romagem de saudade do cemitério do Alto de S. João e deposição de flores no túmulo do sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos.

Em Abril — Dia 11, às 21 h. e 30 m.: Sessão solene comemorativa do XX aniversário, no salão nobre do Ateneu Comercial de Lisboa. Orador o distinto advogado e antigo escoteiro-chefe sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos. Entrega de diplomas aos sócios fundadores.

Dia 19, às 9 h.: início da «Semana do Escoteiro» com oferta de milho aos pombos do Rossio pelos lobitos; às 11 h.: culto evangélico na Igreja Evangélica Presbiteriana, na Rua de Febo Moniz.

Dia 23, à noite: Sessão de cinema no Palácio Foz.

Dias 25 e 26: Exposição dos trabalhos apresentados no Concurso de Trabalhos Manuais e de Filatelia Escotista, na sede dos Serviços Centrais, no Cais do Sodré. Aposição de um carimbo comemorativo editado pelos C. T. T.

Dia 26: Assistência à missa campal promovida pelo CNE, por motivo do Dia do Escoteiro.

Em Maio — Em dias a determinar: visita ao Asilo dos Velhinhos de Costas do Cão; com festa de campo em que participarão membros de todas as Divisões Escotistas; visita ao Aqueduto das Águas Livres.

Em Agosto — De 14 a 23: Acampamento dos Antigos Escoteiros, em conjunto com o Acampamento Nacional da AEP, no Parque de Escotismo da Caparica. Almoço de confraternização.

A direcção da Fraternal aguarda autorização para utilizar estes recintos.

João Miranda Trigueiros escreve a «Sempre Pronto»

«Carta aberta em prosa rimada»

PARABÉNS A VOCÊ!

Prezadíssimo Ribeiro:

Falemos do «Sempre Pronto» ou seja: assunto cimeiro dos que não têm confronto com motivo corriqueiro.

O «Sempre Pronto» fez anos. Vinte e cinco! Pois, então... Venceu trabalhos insanos e não vergou à tentação de optar pelos desenganos.

Meu sincero parabém!

Por bem, estreitemos o laço de uma amizade que tem a rigidez do bom aço.

Com duração se mantém.

O abraço é colectivo. Amplo, forte, formidável. Abrange todo o activo dessa Patrulha incansável.

Quanto a mim, caro Ribeiro, os parabéns agradeço com este ar prazenteiro e o lindo aspecto que ofereço de moço e azevieiro...

Mas, quanto aos oitenta e dois... A contestar eu me afoito.

Ponha, lá, primeiro, um dois e plante, em seguida, um oito; pois não são oitenta e dois. São, apenas, vinte e oito.

Sim. Vinte e oito, Ribeiro!

(Meu Deus! A Lei do Escoteiro!)

Depois destas asserções (de garganta eu não sou pêco).

Saudações do

«Sempre Pronto a Servir»,
do «Sempre Pronto» a sorrir

João Trigueiros
(O «arenque seco»)

Olhão, 2-3-1970.

PRINCÍPIOS

Continuação da pág. 1

semelhante. Tudo isso ele vai praticando na vida escoteira até constituir um hábito. Quando deixa o Movimento e ocupa o seu lugar na vida, não podemos esperar que ele afirme determinada opinião política ou religiosa. Tudo o que podemos exigir do Escoteiro é que seja fiel às regras do jogo — aos grandes princípios — e os afirme na vida de cada dia. E realmente podemos orgulhar-nos porque muitos Escoteiros são fiéis à Promessa um dia feita.

Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar neste número diversos originais que temos em nosso poder, entre os quais figura a «Página do Escoteiro», «Alexandre Herculano» e o nosso folhetim.

Do facto, pedimos desculpa a todos os nossos amigos.

Filatelia

O carimbo comemorativo do XX aniversário será colocado em sobrescritos especialmente editados para este efeito.

Recebem-se pedidos dos interessados.

«Crachat» comemorativo

Será posto à venda um *crachat* comemorativo deste aniversário, ao preço de Esc. 5$00. A Fraternal aceita pedidos de quem estiver interessado.

FOI HÁ 50 ANOS

VOLTA A PORTUGAL A PÉ

Proeza extraordinária de um valoroso escoteiro

Está a fazer precisamente 50 anos e terá sido de certo caso único. Pelo menos nenhum outro escoteiro lhe terá algum dia igualado a façanha. Um jovem de 20 anos, escoteiro entusiasta e de rija têmpera, filiado no então existente grupo de Escoteiros Maqueiros, cometeu o excepcional feito de percorrer a pé todo o Portugal metropolitano, gastando na jornada cerca de 5 meses.



Um jovem de 20 anos, escoteiro entusiasta e de rija têmpera, percorreu a pé todo o Portugal metropolitano.

Esse jovem, que hoje conta 70 anos, é o tão conhecido Dr. Lyon de Castro, distinto naturopata e incansável investigador dos segredos da Natureza, que ele tem posto com devoção e amor ao serviço do seu semelhante, o qual nos deu a honra de guardar para este número de «Sempre Pronto» a narração do que a sua privilegiada memória recorda daquele acontecimento.

— «Como todos os jovens com saúde, equilibrados e com aspirações, gostava de conhecer o mundo mas não queria sair de Portugal sem conhecer bem todos os seus aspectos: humano, folclórico, monumental, paisagístico e, sobretudo, as particularidades do nosso povo. Além disso, havia dentro de mim aquela chama de aventura, comum à maioria dos jovens, a que aliava um grande desejo de estar em contacto com as realidades da vida. Entretanto, era preciso coragem e determinação para suportar e saber vencer os obstáculos que apareceem pela frente».

«Ora eu tinha realmente prazer em encontrar escolhos e poder vencê-los. Claro que naturalmente era já essa a minha condição, mas sem dúvida que isso foi bastante espevitado pelo Escotismo, pois que este movimento é uma escola da vida e não há quem vença na vida se não tiver força de vontade e desejo de vencer. *O Escotismo prepara-nos não só para sermos eficientes como escoteiros, mas exactamente para vencer na vida. Ele torna-se como que o cordão umbilical que nos mantém preso às ideias de B.-P. e nos alimenta desse sentimento que nos torna fortes e valorosos*».

— Foi a aventura a única razão da viagem?

— «Bem, era minha preocupação aproveitar a viagem para propaganda da vida ao ar livre, morigeração de costumes, higiene, integração das pessoas num plano de cuidados e conduta perfeitamente de harmonia com o apostolado escotista que então fazíamos, isto é, nas minhas palestras, porque durante essa viagem fiz dezenas de palestras, actuei como propagandista das ideias escotista e naturista que já então me apaixonavam».

— Já nessa altura o Sr. Doutor era um investigador entusiasta e um apaixonado do naturismo?

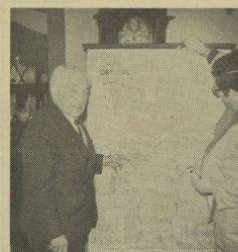
— «Sim, comecei a estudar e a preparar-me para a profissão que escolhi, aos 17 anos. Aproveitei, pois, esse ensejo não só para tão útil propaganda, como ainda para recolha de espécies botânicas e estudo da flora portuguesa».

«Mas vamos à viagem», disse-nos o nosso interlocutor, enquanto abria uma pasta repleta de preciosas recordações que nos foi exibindo enquanto falávamos. Uma foto em uniforme de campanha, ao uso da época, vários recortes de diversos jornais, atestados, credenciais e um diário com indicação de grande número de localidades visitadas, em cujas páginas se podem ler declarações, elogios e agradecimentos das autarquias locais, bem como de inúmeros particulares. E desdobrando um mapa que colocou na nossa frente...

«Partimos de Lisboa em Maio de 1920. À despedida, grande número de escoteiros, que compareceram com cornetas e tambores, para nos aplaudirem e entusiasmarem. Lembro, entre os presentes, o actual Presidente da A. E. P. Sr. Almirante Tenreiro, já também escoteiro nessa ocasião.

— O Sr. Doutor disse: *partimos*. Não foi só, portanto...

— De facto iniciei a minha viagem acompanhado de outro escoteiro, mas ele quando chegou a Runa resolveu voltar para trás».



É desdobrando um mapa que coloca na nossa frente...

— Não foi longe...

— «Bom, saudades da família, preocupações várias, talvez medo... o certo é que não durou muito a sua companhia. Então, segui viagem sòzinho, rumo ao Norte».

— Onde passou a primeira noite?

— «Acampado em Caneças. Por sinal fazia bastante frio e chuva. Armei a minha tenda e, como fazia mais frio do que eu previra, aceitei alguns cobertores que um amável alfaiate me emprestou. Claro que levava o equipamento que julgava conveniente: a tenda, um cobertor, vários apetrechos, uma bússola, binóculo e a conveniente armamento, para o que tinha especial autorização. Sim, porque não se deve esquecer que uma viagem daquele carácter, principalmente naquele tempo, se revestia de certos perigos para um jovem de 20 anos.

— Acampou sempre durante toda a viagem?

— «Não. Além da tenda, dormi em hotéis, pensões, casas particulares e até... palheiros».

«Devo dizer que andei a juntar dinheiro para essa viagem. Também a minha mãe me ajudou bastante. Porém, meu pai não via com bons olhos esse empreendimento e contrariou-me até à partida, pois ele não acreditava que eu fosse capaz de tal viagem. Pensava ele que a minha aventura não iria além de uma passeata até às Caldas, com regresso pelo comboio. Mesmo assim, como pai, receava as consequências do que considerava loucura minha e, por isso, me contrariava».

— Teve sempre bom acolhimento?

— «O acolhimento de um modo geral foi bom. Já porque eu era um jovem bem comportado, de bom carácter, e isso desempenha grande papel no sucesso de uma viagem. O comportamento cívico e moral que adoptei, não entrando em tabernas para beber vinho, atitudes respeitosas, maneiras e gestos dignos, impunham-me como um jovem digno de respeito, não me confundindo com um rapaz qualquer que aparecia. Além disso, era portador de várias credenciais: da Associação dos Escoteiros, da Cruz Vermelha, da Sociedade de Propaganda de Portugal, da Sociedade Naturista Portuguesa, da Universidade Popular Portuguesa, pois eu era membro de todas estas agremiações. Estas credenciais eram apresentadas às autoridades locais e exibi-as sempre que necessário para acentuar o verdadeiro sentido da minha missão».

— Como é que o conhecimento do facto de ser escoteiro representava para essa gente uma segurança?

— «Pode ver nesse livro. Estão aí testemunhos das várias localidades por onde passei, algumas delas com elogiosas referências ao Escotismo e interessantes citações sobre o meu comportamento».

— Falou-nos já de palestras, dezenas de palestras que proferiu. Quais os meios que utilizava para atrair a atenção das pessoas?

— «Pois usava todas as faculdades de que dispunha nesse tempo!

«Fazia ilusionismo, telepatia e outras magias; contava anedotas; tocava alguns instrumentos; organizava jogos, etc. Acima de tudo, procurava ganhar a confiança e a amizade das pessoas com quem convivia. Cheguei a acompanhar os «amola-tesouras», fazendo como eles longas caminhadas, tocando nas suas tradicionais gaitas, como esta que guardo como recordação».

E num gesto de bom humor fez soar o tradicional instrumento dos amoladores ambulantes.

Mudando, porém, de tom acrescentou:

— «Todavia, nem sempre foi fácil. Em certas zonas mais atrasadas do País, porque há 50 anos Portugal encontrava-se muito atrasado em algumas regiões, então em determinadas aldeias e lugares das serras mais agrestes, aquela gente via-me com reserva e até, de certo modo, com receios.

«Mesmo exibindo os documentos que levava, mostravam-se desconfiados. A sua natureza de populações isoladas e ignorantes, quase todos analfabetos, tornava-os retraídos ou mesmo hostis».

«Por exemplo, em Trás-os-Montes tive muitas dificuldades, que chegaram a abalar-me o ânimo. Nas alturas do Barroso, a Terra Fria de que fala Ferreira de Castro, eu passei muitos maus bocados. Naquelas aldeias perdidas na serra, e agora quando falo de «aldeias» refiro-me a grupos de casas feitas de barro e cobertas de colmo, porque naquele tempo eram assim as casas dos montanheses daquelas paragens, onde dormiam várias pessoas e até animais no mesmo compartimento. Havia casas cujas portas eram de tirar e pôr, em vez de abrir e fechar. Por aqui está a ver a rusticidade, a ignorância e o atraso dessa pobre gente, para quem os estranhos, tal como a noite, são sempre motivos de receio e desconfiança. Chegaram a expulsar-me de algumas dessas povoações. Até um palheiro me negavam e tive que ficar ao ar livre numa zona infestada de lobos.

— Teve medo?

— «Nessa altura, sim. Era uma situação delicada, mas como bom escoteiro *aguentei*. Eu lá armado, como disse. Montei a minha tenda, acendi uma fogueira e, de vez em quando, dava um tiro para espantar os lobos. Não dormi, mas assim passei a noite. Ouvi muitos, mas não vi nenhum lobo e, felizmente, nenhum mal me sucedeu».

«Também me aconteceu perder-me, pois naquele tempo eram raras as estradas em Trás-os-Montes e algumas que o mapa assinalava existiam apenas... no mapa e, assim, tive de cruzar as serras através de caminhos confusos e desconhecidos. Numa das vezes que me perdi, recordo que cheguei já desorientado a uma aldeia chamada Nogueiró, onde encontrei um padre missionário, que me valeu e a quem pedi que me conseguisse alguém para me conduzir a Boticas. Um jovem prestou-se a fazer-me companhia, por vinte e cinco tostões e, apesar de se tratar de uma boa paga para a época, foi tal a minha satisfação em pôr fim ao meu desespero que o gratifiquei com outro tanto. Cheguei a Boticas verdadeiramente estropiado, pés ensanguentados e bastante abatido de ânimo, mas tive a sorte de encontrar ali um escoteiro, que estava a passar férias. Em sua casa passei três ou quatro dias a descansar, o que me permitiu recuperar bastante. Dali segui para Chaves, onde existia um grupo de escoteiros que me acolheu com simpatia, mas já não tive coragem de seguir para Bragança, como planeara, e resolvi abandonar Trás-os-Montes, de onde saí sem saudades.

— Encontrou depois a tradicional hospitalidade beirã?

— «Sim, o tratamento passou a ser diferente e voltei a receber as atenções e carinhos a que me habituara antes. Santa gente a das nossas Beiras, que me recebia e me acolhia em suas casas como se me conhecessem há muito tempo. Recebi ali manifestações de estima e de carinho que jamais esquecerei durante a minha vida».

«Recordo, acima de todas, um episódio da minha chegada a Alpedrinha. Foi ao cair da tarde que entrei naquela povoação. Tinha sido bastante dura a caminhada através da serra e eu estava bastante deprimido mas, logo que ali cheguei, uma sensação de calma e bem-estar me invadiu, tal o sossego que me rodeava. Tocaram as Trindades e eu não resisti perante uma sensação de conforto que me invadia a alma. Descobri-me e rezei, dando graças a Deus...»

A comoção domina agora o nosso anfitrião, embargando-lhe a voz ao recordar emocionado momentos daquela sua viagem. As lágrimas surgem nos olhos daquele homem forte, que ràpidamente se domina.

— «Desculpe, não posso recordar aqueles momentos sem me deixar emocionar, pois foi a altura em que tive ocasião de apreciar melhor o valor do conforto humano, no momento em que eu estava tão precisado dele. O bom povo português voltava a manifestar-se e a rodear-me com o calor da sua espontânea bondade. Uma idosa senhora acolheu-me imediatamente e fez questão de eu ficar em sua casa, onde me tratou com desvelado carinho. Quando lhe fiz notar que talvez fosse perigoso acolher assim um desconhecido, respondeu-me com simplicidade: «Vê-se na sua cara que o senhor é boa pessoa».

— Depois no Alentejo, voltou a dureza?

— «Não como antes. Apesar das longas jornadas a vencer, o acolhimento, de um modo geral, era bom. Aquela gente conhece por experiência a dureza de uma jornada e isso torna-os acolhedores e amáveis».

«Já no Baixo Alentejo aproveitei a única boleia de todo o percurso. Foi de um contrabandista da raia com quem convivi alguns dias, depois de conquistar a sua confiança, pois tinha curiosidade em conhecer a vida arriscada daqueles homens e com ele desci o Guadiana até ao Pomarão».

«Percorrer o Algarve, onde o Escotismo era já conhecido, e subir de novo até Lisboa não foi tarefa difícil, pois tive quase sempre bom acolhimento».

— Considera um êxito a sua viagem?

— «Para mim foi um êxito. Contactei todo o povo português no seu próprio meio,



Para mim foi um êxito. Contactei todo o povo português — diz o sr. Dr. Lyon de Castro ao nosso Redactor.

o que me permitiu passar a conhecê-lo melhor. Tive experiências que me vieram a servir por toda a minha vida. Recolhi cento e tal espécies botânicas, muitas delas até aí desconhecidas, e estudei diversos segredos e mezinhas caseiras, alguns dos quais vim a aproveitar na minha profissão. Para além de tudo isso, creio que fiz alguma propaganda do Escotismo e das suas virtudes».

— Recorda alguns episódios alegres ou aborrecidos de que tenha sido protagonista durante a viagem?

— «Sim, tive muitos como é de calcular e posso recordar alguns».

«Vi o *doido de Barca de Alva*, figura quase lendária de que toda a gente falava, mas que quase ninguém conhecia naquela região. Certa tarde, quando caminhava através daqueles montes isolados e agrestes vi uma figura humana mas fantasmagórica, um homem completamente nu de longos cabelos e barba muito comprida também. Apesar de armado, fugi daquela aparição e, de cabeço em cabeço, procurei um povoado onde me acolher e desabafar daquela visão. No caminho, porém, encontrei duas mulheres a quem contei o que tinha visto. O seu susto foi ainda maior do que o meu e pediram-me encarecidamente que as acompanhasse. Pois bem, depois de ter fugido, senti-me forte para escoltar aquelas duas mulheres indefesas».

«Também dormi numa casa que o povo de certa localidade considerava assombrada. Sem nada me dizerem, pregaram-me a partida, oferecendo-me acomodação numa casa completamente vazia. Certo é que ouvi ruídos estranhos que nunca fui capaz de explicar, o que só naquela noite me sucedeu».

«Mas a mais cómica de todas as situações, sucedeu-me em certa aldeia perto de Castelo Branco. Deparou-se-me um grupo de pessoas que rodeavam um burro caído por terra, aparentemente moribundo, enquanto a sua dona chorava em berraria aquela perda considerável. Eu, que nada percebia de veterinária, mas que já possuía alguns conhecimentos de anatomia, procurei inteirar-me do que se passava, no desejo de fazer qualquer coisa pelo pobre animal. Não foi difícil aperceber-me que o bicho estava cheio de gases. Mandei vir água e sabão e esfreguei-lhe as barrigas, procurando auxiliar a evolução dos intestinos. Depois, decidi-me. Como tinha nesse tempo a especial facilidade de reduzir o volume da minha mão, untei-a com gordura e introduzi-a através do ânus do animal, localizando no extremo do seu intestino grosso um tampão de fezes que desfiz com os dedos. Não havia ainda retirado a minha mão, quando um forte estampido, seguido de volumosa descarga, que me atingiu em todo o fato, deixando-me em deplorável estado de apresentação. Certo é que salvei o pobre burro e a sua dona, muito satisfeita, lavou-me de bom grado toda a roupa».

«No dia seguinte, topei ao levantar-me com mais de uma dezena de pessoas, que traziam, para que eu as curasse, toda a espécie de animais domésticos, já que eu, segundo me diziam, mostrara ser um excelente alveitar».

«Contentei-os com alguns conselhos que considerava razoáveis, e fugi ràpidamente daquele lugar, onde a conquistada fama de curandeiro poderia ser prejudicial mais do que útil à minha verdadeira missão».

Acabada a narração de um grande feito praticado há 50 anos por um escoteiro entusiasta da Natureza, amante das suas belezas, o ancião respeitável que temos sentado na nossa frente não se mostra aborrecido com a nossa presença, antes continua, num ambiente de franca amizade e cortesia, a dar-nos conta de muitos outros feitos cometidos durante a sua vida, a vida de um homem que soube lutar e vencer, sempre de olhos postos na sua valorização pessoal ao serviço do seu semelhante, principalmente do que sofre, a quem ele procura minorar os males e proporcionar alegria de viver.

A vida e acção deste grande escoteiro são bem conhecidas por milhares de pessoas, mas bem merece que muitos outros a conheçam.

Rogámos esse favor e ficámos com a promessa de voltarmos a falar logo que seja possível. O seu entusiasmo pelo Escotismo e a confiança que deposita na força deste movimento ao serviço de uma juventude mais sã e mais consciente, são razão suficiente para que a sua palavra seja aguardada com ansiedade.

M. G.

A verdadeira bondade é invencível, porque é infatigável.

SÉNECA

UM GRANDE ESCOTEIRO

Continuação da pág. 1

Wilson na Índia

Estava quase a findar o ano de 1908 quando Wilson foi para a Índia, com 20 anos incompletos, ou seja, pouco mais ou menos com a idade que Baden-Powell tinha quando também foi para a Índia, mas B.-P. tinha ido como militar, enquanto que Wilson foi para servir, como oficial, na Polícia Indiana, um serviço, dizia ele, de muita variedade, pois era seu dever ocupar-se, por exemplo, da resolução de casos provocados pelas inundações, carência de alimentos para não dizer fome, e toda a espécie de miséria.

No seu primeiro ano, dedicou-se ao estudo de leis e de línguas, mas o seu primeiro distrito, Mymensingh, onde era adjunto do superintendente da Polícia, proporcionou-lhe outras oportunidades.

Sua madrinha tinha-lhe feito oferta de um exemplar do *Scouting for Boys*; estava agora em condições de pôr em prática algumas das sugestões contidas nesse livro no treino dos homens da Polícia Armada, alguns deles filhos de caçadores de cabeças... Essas ideias desenvolviam os seus poderes de observação e dedução e davam-lhes por assim dizer uma educação liberal. Wilson acrescentou a isso a prática de râguebi (ele próprio tinha sido capitão de equipas desse desporto) como ajuda ao desenvolvimento do seu carácter.



Na Sociedade de Geografia, o Coronel Wilson reúne-se com os dirigentes escotistas portugueses, durante a visita a Lisboa

Wilson foi mais tarde transferido para Calcutá, onde os aborígenes lhe ensinaram como se seguiam pistas através da selva.

Em 1916, casou com Ruby Huggan, aquela excelsa senhora que em Gilwell todos apreciavam e estimavam. Os dois filhos do casal, Margaret e Jimmy, nasceram respectivamente em 1916 e 1919.

Ainda no ano de 1916, devido à Grande Guerra, Wilson não foi autorizado a ausentar-se da Índia, tendo sido nomeado comissário adjunto da Polícia. Fez então adoptar o *Scouting for Boys* como manual de instrução na Escola de Treino da Polícia de Calcutá.

As primeiras tentativas de trabalho escotista

Tendo-se estabilizado a sua situação, viu uma oportunidade para ajudar os rapazes anglo-indianos da cidade por meio do Escotismo. O seu oferecimento de colaboração foi recebido com grande entusiasmo e grande interesse pelo então comissário distrital, *Sir* Alfred Pickford e, em 1917, tornou-se escoteiro-chefe ajudante dum grupo com sede na igreja da Velha Missão, composto de órfãos de muitas misturas de sangue. Em breve exercia também as funções de *Akelá* e de chefe de tribo, vindo depois a substituir o próprio *Sir* Alfred como comissário distrital, em Maio de 1919. Ambos haviam lutado pela admissão de rapazes indianos nas fileiras da Associação de Escoteiros. Havia uma ordem do Governo da Índia contra isso, porque, como rudemente se afirmou, «o Escotismo treina os rapazes para virem a ser revolucionários»... Quanto menos se falasse nessa ordem, melhor, mas ele lutou contra ela como oficial da Polícia e como chefe escoteiro. Fundou a Associação dos Escoteiros de Bengala, com idênticos fins e métodos, como forma de ladear a questão. *Sir* Alfred Pickford era nessa ocasião comissário-geral para toda a Índia.

Muitas e diferentes associações escotistas tinham surgido na Índia: a Associação de Escoteiros Indianos, dirigida por *Mrs.* Annie Besant; a Associação de Escoteiros da Índia; a Associação de Escoteiros de Mysore; a Associação de Baroda; *Scouts* de Nizam; Escoteiros *Seva Samiti* e provàvelmente outras mais.

Em Agosto de 1920, realizou-se uma reunião em Calcutá de representantes de várias associações, à qual Wilson se escusou a assistir por causa da sua posição oficial. Levou, no entanto, a efeito um Rali escotista, para os delegados verem as actividades dos rapazes escoteiros.

Um feliz resultado dessa reunião foi o convite dirigido pelo Vice-rei a Baden-Powell, dias antes proclamado em Londres escoteiro-chefe mundial, para visitar a Índia. Baden-Powell e a esposa chegaram a Bombaim em fins de Janeiro de 1921 e tiveram um mês de cansativas viagens antes de seguirem de Calcutá para Rangum. *Sir* Alfred acompanhou-os e veio a tornar-se num dos mais íntimos amigos e colaboradores de Baden-Powell, tendo vindo mais tarde a ser indigitado para substituir o Fundador no cargo de chefe-geral da Comunidade Britânica.

Nessa visita à Índia, Baden-Powell conseguiu a união de todas as associações, com excepção da *Seva Samiti* (ulteriormente intitulada Escoteiros Hindustânicos), união de que resultou a constituição da Associação dos Escoteiros da Índia.

Em Calcutá, foi comemorada a data do aniversário natalício de Baden-Powell e de sua esposa (nasceram ambos em 22 de Fevereiro) e foi-lhes mostrado tudo quanto foi possível das actividades de escoteiros e guias.

Baden-Powell contacta com Wilson

Foi nessa ocasião que se deu o primeiro contacto de Wilson com Baden-Powell, de que resultou mais tarde o Fundador «pescá-lo» (assim o afirmou Wilson) definitivamente para o Movimento em 1923 quando Wilson, já retirado do serviço da Polícia, se encontrava em Inglaterra a gozar bem merecidas férias e a pensar em arranjar um emprego...

Wilson tinha vindo a Inglaterra, em 1921, em gozo de férias, e aproveitou o ensejo para visitar o Gilwell Park e a seguir tirou ali o Curso da Insígnia de Madeira, juntamente com *Sir* Alfred Pickford. Ambos foram então nomeados *Deputy Camp Chief* e, no seu regresso à Índia, realizaram, em Bengala, o primeiro Curso da Insígnia de Madeira.

Wilson no Gilwell Park

Em 1923, deixou, como já se disse, a Polícia indiana e Baden-Powell, tendo disso conhecimento e não querendo perder a colaboração de tão valioso elemento, resolveu nomeá-lo *Camp Chief*, isto é, Director do Campo Internacional de Treino de Dirigentes escoteiros, dadas as boas provas que já havia dado.

Nesse lugar se conservou até 1943, e o que ele levou a efeito nesses 20 anos e que foi apreciado e admirado por milhares de escoteiros de todo o Mundo veio convencer os mais cépticos de que Baden-Powell havia sabido escolher e colocar *the right man* que nomeara para ser o 2.º Director do Gilwell Park.

Como *Camp Chief*, Wilson visitou vários países da Europa, assim como o Canadá, os Estados Unidos da América do Norte, o Egipto e a Palestina, acompanhando também sempre Baden-Powell nas suas idas aos Jamboris e *Rover-Moots*, a ponto de o intitularem a *nurse* do Fundador.

Não foi apenas como *Camp Chief* que Wilson contribuiu para espalhar pelo Mundo os genuínos princípios escotistas, pois os numerosos artigos da sua autoria, publicados em jornais e revistas (revista internacional «*Jamboree*», principalmente, onde foram dados à estampa os relatórios das suas muitas viagens, também como director do *Bureau*) e nos manuais das séries «*Gilcraft*», editadas pelo Gilwell Park, deram valiosa ajuda aos milhares de dirigentes que nunca chegaram a ter o privilégio de tirar ou confirmar o seu Curso de Insígnia de Madeira no tão falado Gilwell Park.

Em Novembro de 1938, deu-se o falecimento de Hubert Martin, que havia realizado a sua ideia de fundar o *Bureau* In-

Continua na pág seguinte



O Coronel Wilson, na sua visita a Lisboa em 1950, acompanhado dos outros membros do Conselho Mundial do Escotismo, visita S. E. o Cardeal Patriarca

ternacional e do qual foi, desde Agosto de 1920, Director. Devido ao seu desaparecimento foi solicitado a Wilson que passasse também a ocupar aquele importante lugar.

Não há dúvida que Hubert realizou um trabalho de grande valia, mas não deve ser esquecido que as suas funções foram desempenhadas quando ainda se podia contar com o apoio de toda a ordem do Fundador e Chefe Mundial, além de que reinava então a paz no Mundo, se bem que precária.

Wilson no «Bureau» Internacional

Wilson não gozou dessas vantagens e começou a sua actividade de director do *Bureau* Internacional quando a Guerra Mundial já estava no começo e quando Baden-Powell se tinha retirado para o Quénia, deixando-nos para sempre, em 1941.

As comunicações entre a Inglaterra e outros países tornavam-se cada vez mais difíceis à medida que a guerra progredia, e a maioria dos dirigentes escoteiros, incluindo Wilson, tinha sido chamada para o serviço militar. Apesar de todas essas dificuldades, conseguiu, em parte com o auxílio do presidente honorário do *Comité* Internacional, o príncipe Gustavo Adolfo da Suécia, manter contacto — algumas vezes clandestinamente — com dirigentes de associações de vários países, e estes contactos eram de incalculável importância psicológica para milhares de escoteiros que dessa forma sentiam que, embora não fossem autorizados a aparecer oficialmente como escoteiros, eram apesar disso componentes da grande fraternidade mundial escotista.

Em 24 de Dezembro de 1944, o rei Haakon, da Noruega, fez-lhe entrega pessoalmente das insígnias de comendador da Ordem de Santo Olavo, pelos relevantíssimos serviços prestados àquele país, durante a Guerra Mundial, onde ainda é considerado um herói.

Após a Guerra Mundial, Wilson dedica-se à reorganização do Escotismo

Durante a Guerra Mundial, prestou Wilson serviço nas forças armadas, tendo sido incumbido de importantes missões. Entre estas, destaca-se a bem sucedida operação contra as instalações de água pesada de Vemark, de que Wilson foi o directo responsável, como chefe da Secção Norueguesa de Operações Especiais. Comandou também outras incursões levadas a cabo simultâneamente noutros pontos da Noruega.

A Guerra Mundial terminou em Junho de 1945. Uma gigantesca tarefa existia, porém, para o *Comité* Internacional e para o *Bureau*: ajudar a sarar as feridas que a conflagração causara ao Movimento. Havia que atender aos milhares de escoteiros refugiados de uma dezena de países e que se encontravam instalados em campos na Alemanha e na Áustria; ao fornecimento de equipamento, literatura, etc., às associações daqueles países onde todo o equipamento tinha sido roubado ou destruído; preparar o terreno para o restabelecimento do Escotismo na Alemanha Ocidental; restabelecer o Movimento em boas condições nos países onde as organizações escotistas haviam sido suprimidas e, ainda, preparar o próximo Jambori, isto para mencionar apenas alguns dos pontos constantes da Agenda daquele tempo.

O *Comité* Internacional, durante os anos de guerra, tinha sido bastante reduzido na sua composição e na sua capacidade. A primeira reunião depois da guerra realizou-se em 1946, na Suécia, e a ela assistiram apenas o príncipe Gustavo Adolfo, Ove Holm, Wilson e o General Lafont, que entretanto fora nomeado para preencher uma das vagas. A tarefa, contudo, foi levada a cabo, principalmente graças à eficiência de Wilson e dedicação do pessoal em serviço no *Bureau*, mas graças igualmente à contribuição voluntária e generosa de associações de diversos países, salientando-se as da América do Norte, Canadá e Grã-Bretanha. A ajuda e o apoio que chefes e escoteiros, individualmente, e centenas de grupos em muitos países prestaram aos seus irmãos em dificuldade, que se encontravam sofrendo e necessitados, constituem folhas douradas na história do Movimento.

Wilson é nomeado presidente do «Comité» Internacional

O ano de 1947 começou com uma grave perda, para o *Comité* Internacional, para o *Bureau* e para o Movimento em geral. Em Janeiro, devido à queda do avião em que viajava, morreu o príncipe Gustavo Adolfo e ninguém podia ser encontrado para tomar o seu lugar de presidente honorário do *Comité* Internacional. O Movimento ficara, por isso, então, sem a sua mais representativa figura. A maior parte das atribuições de presidente honorário, nomeadamente nos Jamboris, *Rover Moots* e Conferências, tinha caído sobre os ombros, largos mas já sobrecarregados, do coronel Wilson. Era difícil e delicado conciliar os deveres de principal servidor da organização com aquelas de Presidente. O respeito e a popularidade de que Wilson gozava vieram demonstrar que ele soube resolver esse problema de forma plenamente satisfatória. Estava por isso naturalmente indicado que o lugar deixado em aberto pelo falecimento do príncipe Gustavo Adolfo fosse preenchido pelo coronel J. S. Wilson e assim o reconheceu a 14.ª Conferência Mundial, reunida em Vaduz, no Liechtenstein, a qual, como prova de sincera gratidão e de elevado apreço pelos grandes e valiosos serviços prestados ao Movimento durante mais de 30 anos, o proclamou Presidente Honorário do *Comité* Mundial.

Wilson sempre tinha recusado o seu acordo para ser homenageado no Gilwell Park por meio de um edifício a que dessem o seu nome. Agradou-lhe, contudo, a sugestão de que a estrada entre Gilwell e Gilwellbury se passasse a chamar Wilson Way. A cerimónia que consagrou esta decisão realizou-se em Setembro de 1956 e nela esteve presente o coronel Wilson e a sua família.

Últimos anos de Wilson — A sua acção na «International Fellowship»

Ao deixar o lugar de director do *Bureau* Mundial (que passou a ser ocupado pelo major-general D. C. Spry), Wilson retirou-se de Londres e instalou-se numa adorável vivenda em Pleasant Valley, onde ele cuidava da volumosa correspondência numa caravana no jardim. Iria agora dedicar toda a atenção ao movimento dos antigos escoteiros. Não foi, sabe-se, tarefa fácil, mas também nisso obteve êxito, a ele se devendo, em larga escala, a criação da «International Fellowship of Former Scouts and Guides», da qual, mais tarde, veio a ser proclamado presidente vitalício. Os leitores do «*Boletim da Amizade*» leram, com certeza, sempre com o maior proveito, os artigos que ali fez publicar.

O coronel J. S. Wilson veio a Portugal em 1950, por ocasião do *Get-together* (reunião) dos Comissários Internacionais. Visitou, nessa ocasião, o Presidente da República, membros do Governo e o Cardeal Patriarca.

Em 1958, sofreu um forte ataque cardíaco, o primeiro de três. Mas conseguiu, admiràvelmente, restabelecer-se. Teve ainda possibilidade de realizar três viagens ao estrangeiro.



Na 7.ª Assembleia Geral da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias, realizada em Durham (Inglaterra) em 1967, o Coronel profere o discurso de encerramento

Porém, nos últimos meses notava-se que estava a enfraquecer, o que não o impediu de comparecer na Conferência Mundial que se realizou no ano passado, na Finlândia. Estava mesmo a preparar-se para ir ao Paquistão visitar os escoteiros daquele país, correspondendo a um convite que recebera.

Wilson possuía as mais altas recompensas de numerosas associações escotistas (dizia sua filha que isso constituía o seu «Zoo», pois ali havia búfalos, lobos, bisões, falcões, elefantes, etc.).

O rei Jorge VI, que já anteriormente concedera ao coronel Wilson o oficialato da Ordem do Império Britânico, fê-lo companheiro da Ordem de S. Miguel e S. Jorge em 1950.

Esta é a extraordinária figura que o Escotismo Mundial acaba de perder, o amigo que os Escoteiros de todas as nações conheciam e estimavam, porque com todos tivera alguma vez oportunidade de conviver.

ALBANO DA SILVA

As notas biográficas de J. S. Wilson, que publicamos neste número, e do engenheiro Ove Holm, que publicaremos no próximo número, foram coligidas pelo nosso estimado Amigo e anónimo colaborador sr. Albano da Silva, que muitas vezes nos tem prestado iguais serviços, embora nunca nos autorizando que sejam subscritos com o seu nome. Embora correndo o risco de melindrar a sua modéstia, do que pedimos desculpa, aqui deixamos expressa a nossa gratidão pela importante colaboração que nos é discretamente prestada.

ATENÇÃO, JOVENS!

CONCURSO DE TRABALHOS MANUAIS

A Fraternal dos Antigos Escoteiros, em comemoração do seu XX Aniversário, organiza este ano um concurso de trabalhos manuais sob o tema «São Jorge»

Este concurso destina-se à participação de lobitos, avezinhas, escoteiros e guias (escoteiras) até ao limite de idade de 18 anos na data de entrega dos trabalhos.

Os trabalhos apresentados serão apreciados por um júri, a anunciar brevemente, e objecto de uma exposição em Abril durante a «Semana do Escoteiro» que a Fraternal vai levar a efeito.

MODALIDADES

Os trabalhos a apresentar obedecerão às seguintes modalidades:

a) **Desenho;**
b) **Pintura;**
c) **Modelagem;**
d) **Pirogravura em madeira (arte escoteira).**

CLASSIFICAÇÃO E PRÉMIOS

1.º — Para efeitos de classificação, os trabalhos serão divididos em grupos de idades.

Assim consideramos dois grupos:

Idades dos 7 aos 12 anos;

« « 13 « 18 « ;

2.º — Aos trabalhos 1.os classificados de cada modalidade e em cada grupo de idade, serão atribuídos prémios, a anunciar brevemente.

PRAZO DE ENTREGA

Os trabalhos deverão ser enviados à Fraternal dos Antigos Escoteiros, Rua de São Paulo, 254-1.º — Lisboa-2, até ao próximo dia 10 de Abril.

REGULAMENTO

1.º — Poderão participar neste concurso lobitos, avezinhas, escoteiros e guias (escoteiras).

2.º — Os participantes poderão enviar quantos trabalhos quiserem e nas modalidades que entenderem.

3.º — Os participantes devem indicar, com os trabalhos, o nome, idade e morada e o grupo, bando, patrulha ou equipa a que pertencem.

4.º — Não poderão concorrer lobitos ou avezinhas com idade inferior a 7 anos.

5.º — Os concorrentes escolherão um pseudónimo que será afixado no trabalho e enviarão os elementos pedidos no 2.º artigo, em carta fechada e lacrada, com o pseudónimo e idade escritos exteriormente.

6.º — Só serão classificados os trabalhos executados sob o tema «São Jorge».

7.º — Os trabalhos serão devolvidos depois da exposição se trouxerem indicação para tal. De contrário considerar-se-ão da propriedade da Fraternal.

NOVOS ASSINANTES

Continuamos a receber novas assinaturas para «Sempre Pronto» em resposta ao apelo que nesse sentido foi feito e que uma vez mais repetimos. Durante o último mês registamos as seguintes:

Srs. Luís Manuel Ganhão dos Santos, do Grupo n.º 1, residente na Moita; José Joaquim da Costa Braga, antigo escoteiro do Grupo n.º 4, de Lisboa, residente em Galveias; Sebastião G. da Silva, dirigente escoteiro em New Bedford, Estados Unidos, que teve a gentileza de nos enviar um calendário escoteiro.

E ainda os srs. Luís Manuel Maia Calado, Rui Monteiro Pereira, José Manuel de Lemos e Artur Almeida Curado, propostos pelo nosso diligente agente-correspondente no Entroncamento, escoteiro Vítor Vergamota.

A todos apresentamos, com votos de boas-vindas, os nossos agradecimentos.

ADMINISTRAÇÃO

A Administração agradece o pagamento das seguintes assinaturas, cujas importâncias nos foram gentilmente enviadas:

Sr.ª D. Margarida Gonçalves Meireles, e os seguintes patrocinadores:

Srs. Luís Simões Aurélio, 2 anos; Sebastião G. da Silva, 3 anos; Dr. Adelino Vieira Pimentel, de Angra do Heroísmo, e Álvaro Rego Correia, e Sr.ª D Maria do Carmo Martins, de Lisboa.

FIQUE SABENDO QUE...

— Nos Serviços Centrais está funcionando um curso de topografia, no qual estão inscritos 14 rapazes, que formam duas patrulhas de instrução: «Lobo» e «Bode».

— Está marcada para de 13 a 20 de Agosto p. f. a realização do XI Acampamento Nacional, no parque de Escotismo da Caparica.

— O chefe Armando Inácio iniciou, nos Serviços Centrais, uma série de Lições sobre Lobitismo, tendente a aperfeiçoar e desenvolver este ramo do Escotismo.

— A Equipa Organizadora de Provas Desportivas dos Serviços Centrais vai levar a efeito mais duas provas de atletismo.

— O Clube Desportivo «Os Celtas de Setúbal», contactou com a Equipa Organizadora de Provas Desportivas, propondo a disputa de um torneio de pingue-pongue entre aquele clube e os grupos de escoteiros.

— Surgem pedidos para a organização de grupos de escoteiros da AEP em Espinho, Azambuja, Porto Salvo, Trafaria, Setúbal, Montijo, Azeitão e Nova Lisboa.

— Há boas possibilidades de os caminheiros da área de Lisboa poderem dedicar-se à gravação sonora, fotografia, cinema e jornalismo amador.

— Vários caminheiros dos grupos 8, 19 e 84 constituíram uma Equipa Coordenadora de Espeleologia, que fará propaganda dessa interessante actividade.

— A Fraternal dos Antigos Escoteiros vai organizar a «Semana do Escoteiro», com interessantes actividades.

Dr. Sabetudo

O ASSINANTE PATROCINADOR de «Sempre Pronto» é o leitor amigo que deseja ajudar esta obra e substitui a assinatura ordinária de 30$00 por ano, por uma assinatura de patrocínio de um mínimo de Esc. 50$00 anuais.

Quer o prezado leitor ser um dos patrocinadores de «Sempre Pronto»?

De mês para mês

Movimento?

Em Fevereiro passado, efectuou-se em Carcavelos uma prova desportiva em que participaram escoteiros e caminheiros com bastante interesse de todos. Constituiu-se também uma Equipa de Espeleologia e projectam-se outras. Lembramos que estas ideias foram sugeridas por ocasião do Inquérito sobre a situação dos Escoteiros de Portugal promovido há alguns anos por «Sempre Pronto».

Só agora se tomou a iniciativa de realizar essas actividades e parece que foi feliz o início dessa acção. Estaremos a iniciar um período em que se vai dedicar alguma atenção ao RAPAZ e provar que o Escotismo em Portugal também é Movimento?

Esperamos que sim. Sempre teremos entrado num novo ano escoteiro!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director - Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00